

Os discursos nos Círculos Restaurativos: uma abordagem bakhtiniana da linguagem

Ana Beatriz Ferreira Dias¹, Vera Lúcia Pires²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

²Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

ana.bdias@hotmail.com, vera.pires@terra.com.br

Resumo. *O objetivo deste artigo é expor uma discussão teórica inicial sobre os conceitos linguagem, língua e enunciação desenvolvidos na obra de Mikhail Bakhtin. É de uma perspectiva enunciativa que se buscará discutir essas noções bakhtinianas. Além disso, serão consideradas algumas críticas de estudiosos dedicados a investigar os aportes teóricos do autor e também de outros autores preocupados em discutir a situação dos estudos enunciativos no quadro dos estudos lingüísticos. Essa orientação teórico- metodológica de Bakhtin servirá de fundamento para a etapa seguinte da pesquisa que consistirá em analisar os enunciados produzidos durante a situação comunicativa dos Círculos Restaurativos.*

Abstract. *The aim of this paper is show a first theoretical reading about concepts such as speech, language and enunciation developed in Mikhail Bakhtin work. These bakhtinian ideas will be discussed from the view of the enunciation theory. It will be considered same observations from authors which investigate Bakhtin theories as well from the others which are worry about enunciative studies in the frame of linguistic studies. This theoretical and methodological Bakhtin's direction will be the basis to the next step, that is, the analysis of the enunciation during the communicative situation of the Restorative Circles.*

Palavras-chave: linguagem; língua; enunciado

1. Introdução

O estudo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa em andamento vinculada ao grupo de trabalho *Estudos de gênero nos discursos do cotidiano*, pertencente à linha de pesquisa *Linguagem como prática social*, ambos da Universidade Federal de Santa Maria. Os grupos de pesquisa do CNPq *Linguagem como prática social* e *Discurso e gênero* englobam esses dois grupos de pesquisa da UFSM.

Este texto, de natureza teórica, faz parte da etapa de um estudo cujo objetivo é investigar os discursos enunciados numa instância específica de comunicação, os Círculos Restaurativos (CR). Para tanto, tomar-se-á como orientação teórica

fundamental os estudos do filólogo Mikhail Bakhtin sobre língua, linguagem e enunciado, tomando tais noções sob uma perspectiva da lingüística da enunciação.

Quanto aos CR, destaca-se que eles fazem parte das atividades do *Projeto Justiça para o Século 21*, que visa a implementar práticas restaurativas na resolução de situações de violência envolvendo crianças e jovens em Porto Alegre. O projeto é apoiado por várias instâncias governamentais e não-governamentais de vários segmentos das políticas públicas, com destaque para o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, a Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (AJURIS) e a Escola Superior da Magistratura da AJURIS, que foram os primeiros apoiadores do projeto. O Núcleo de Estudo em Justiça Restaurativa, da Escola da AJURIS, originou o projeto e tem sediado diversas das atividades restaurativas¹.

De acordo com Zehr (2008), considerado um dos pioneiros da Justiça Restaurativa e principais teóricos sobre o tema, as práticas da Justiça Restaurativa oportunizam tanto à vítima quanto ao agressor de se expressarem, focando suas ações no acordo mútuo entre eles, no fato passado (o que estavam precisando no momento da agressão), nos fatos futuros e, principalmente, foca suas ações nas necessidades dos envolvidos no ato de infração. Assim, pode-se afirmar que o cumprimento das ações restaurativas vale-se do diálogo e da interação mútua entre os participantes.

No encontro restaurativo as partes envolvidas no dano causado buscam decidir coletivamente como lidar com as circunstâncias decorrentes desse ato e suas implicações para o futuro. Durante esse procedimento, busca-se estabelecer um plano de reparação dos danos pessoais e sociais resultante do conflito em questão para, então, posteriormente, apresentá-lo ao juiz como uma forma alternativa para cumprir a sentença.

2. Considerações sobre os estudos enunciativos da linguagem

É fundamental observar que os conceitos propostos por Bakhtin, largamente empregados na área dos estudos da linguagem, “estão longe de promover um consenso, apresentando ao contrário, uma grande polissemia de definições e empregos” (BRAIT & MELO, 2005, p. 62). Diante dessa variedade de conceituações que se pode encontrar dos termos bakhtinianos, é que se torna necessário atentar para o fato de que afirmar que é de um ponto de vista da lingüística da enunciação que se investigará a noção de certos vocábulos não é condição para se encontrar no interior dessa perspectiva uma única definição desses termos.

Alguns autores, como Flores e Teixeira (2005), falam de uma *lingüística da enunciação* e de *teorias da enunciação*:

Falamos em *teorias da enunciação* (no plural) e em *lingüística da enunciação* (no singular) para salientar o fato de que se, por um lado, existe uma diversidade que permite considerarmos mais de uma teoria da enunciação, por outro, verificamos que há traços comuns a todas as

¹ Fonte: material do Centro Integrado de Atendimento da Criança e do Adolescente- material didático elaborado pela Assessoria Técnica da Justiça Restaurativa, Poder Judiciário. Documento interno. Justiça Para o Século 21- Instituinto Práticas Restaurativas, 2006.

perspectivas. Em outras palavras, acreditamos na unicidade referencial da expressão *lingüística da enunciação* (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 8)

Entretanto, isso não quer dizer que esses autores procurem uma forma de unificar as diferentes teorias da enunciação, mas sim que reconhecem nelas traços em comum, bem como reservam a cada uma delas as suas peculiaridades responsáveis por a distinguirem das outras. A heterogeneidade conceitual é um fenômeno que marca a lingüística e essa situação, para os autores (2005), é o retrato da situação atual da disciplina. Talvez essa situação contribua na popularização da expressão *estudos da linguagem* na indicação do campo que antigamente era chamado apenas de lingüística (Ibid., p. 98).

Nesta concepção do sintagma *lingüística da enunciação* como a denominação do múltiplo, do não unívoco (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 109), alguns aspectos acabam por aproximar as chamadas *teorias da enunciação* sob o rótulo de *lingüística da enunciação*. Jean Cervoni (1989) considera que a ligação entre os vários estudos enunciativos da linguagem dá-se porque elas estão de acordo em considerar “a língua saussuriana, o código estruturalista e a competência chomskyana como definições do objeto da lingüística excessivamente redutoras” (Ibid., p. 13), principalmente no que se refere à análise do sentido.

Paveau (2006) ressalta que as teorias da enunciação, além de também terem em comum essa crítica à lingüística da língua, desejam estudar os fatos de ‘fala’, ou seja, a produção de enunciados por locutores na situação real da comunicação. Normand et. al. afirma que o conceito de enunciação “é sem dúvida a tentativa mais importante para ultrapassar os limites da língua” (1994, p. 72 apud FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 12). Assim, consolida-se o estudo que busca investigar as relações da língua não apenas como um sistema de signos, mas também como a linguagem assumida por um sujeito.

Em relação ao sujeito na lingüística da enunciação, Paveau (Ibid.) afirma que a abordagem enunciativa da linguagem também implica uma teoria do sujeito, uma vez que são as suas marcas inscritas no enunciado que constituem o objeto do lingüista.

Enquanto as abordagens estruturalista e gerativista ignoram a questão do sujeito, o ponto de vista enunciativo o coloca no centro da lingüística. A concepção do sujeito clássico, isto é, autônomo, que coloca em palavras suas intenções, que dirige o conteúdo de suas falas e se apropria das formas da língua, é fortemente atacada. (PAVEAU, 2006, p. 177)

Flores & Teixeira (2005) defendem a idéia de que o sujeito não é propriamente o objeto de uma teoria da enunciação, mas sim a representação que a enunciação dá desse sujeito. Destaca-se, portanto, que a lingüística da enunciação estuda as marcas deixadas na enunciação pelos sujeitos e não esses sujeitos em si.

A partir dessas considerações iniciais, bastante gerais e, por isso, não aprofundadas, procurou-se situar a presente pesquisa numa determinada linha teórico-metodológica, com o objetivo de esclarecer de qual ponto de vista se buscará compreender os termos *língua, enunciado e linguagem*, conforme os estudos de

Bakhtin. Essas considerações revelaram-se fundamentais para se delimitar o recorte da análise que visa a atender a especificidade teórica adotada e, com isso, avançar na investigação e discussão de algumas peculiaridades que constituem a perspectiva adotada por Bakhtin no interior da chamada *lingüística da enunciação*.

3. Linguagem, língua e enunciado em Bakhtin e seu Círculo²

De acordo com Paveau (2006), a tradição seguidamente apresenta Émile Benveniste (anos 1950 e 1960) como o “pai” da teoria da enunciação, entretanto remonta aos anos de 1920 e 1930, na Europa e na Rússia, o interesse dos lingüistas pelos problemas enunciativos. Durante essa época, começou a surgir a problemática enunciativa, mas teve seu desenvolvimento interrompido pela expansão dos estudos estruturalistas. Para essa autora (Ibid.), na origem esquecida dos estudos enunciativos da linguagem encontra-se, ao lado de Charles Bally, o nome de Mikhail Bakhtin.

Torna-se importante destacar que as noções que se investiga neste trabalho não se encontram acabadas ou concluídas numa determinada obra ou num determinado texto do autor russo. Quanto a essa forma do pensamento bakhtiniano, Brait & Melo (2005) afirmam que o sentido e as particularidades de certas noções vão sendo construídas no decorrer do conjunto das obras, implicando, necessariamente, outros termos também construídos paulatinamente.

Acredita-se que assim como Pires (2003) considera a enunciação o verdadeiro fundamento da relação sujeito-linguagem-história-sociedade, a enunciação também é um elemento central no estabelecimento dessa relação, bem como para tentar compreendê-la.

Para a autora (Ibid.), o interesse do autor não era a língua enquanto sistema, mas a linguagem enquanto uso e em interação verbal. A enunciação seria o momento de uso da linguagem, *processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação*.

Quanto ao interesse de Bakhtin em investigar a língua em uso e não a língua enquanto sistema, Faraco (2006) destaca que são as manifestações verbais que ocupam o centro de seus estudos. E estas, na perspectiva de Faraco (Ibid.) não são entendidas primordialmente como atualizações do sistema da língua, mas como manifestações da *heteroglossia*, da língua permeada pelas diversas vozes sociais.

Bakhtin, diferentemente de Saussure, valorizava a fala, de natureza social e não individual, que se encontra diretamente relacionada à enunciação, uma vez que o momento da enunciação, instituindo a intersubjetividade, instaura a interação, imprescindível para o acontecimento da fala. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin afirma a natureza social da enunciação:

A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação. Na verdade, qualquer que seja a enunciação

² Círculo de Bakhtin é a denominação dada ao grupo de intelectuais russos que se reunia entre 1919 e 1974, dentre os quais participavam Bakhtin, Voloshinov e Medvedev.

considerada [...], é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida. (BAKHTIN, 1990, p. 113)

A linguagem, para o autor, é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. A língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas “pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1990, p. 123). Observa-se, nesta passagem, o quanto os diversos conceitos desenvolvidos por Bakhtin dependem uns dos outros e a importância que o processo enunciativo assume nos estudos desse autor.

O uso da língua realiza-se em forma de enunciados (sejam eles orais ou escritos) concretos e únicos *proferidos* pelos participantes de uma ou outra atividade humana. Na perspectiva bakhtiniana de enunciado, esse representa a real unidade do discurso, uma vez que o discurso só tem existência na forma de enunciações concretas de determinados falantes (BAKHTIN, 2003, p. 158). O texto, concebido sob o ponto de vista do enunciado, pode representar, portanto, a

realidade imediata para o estudo do homem social e da sua linguagem, pois a constituição do homem social e da sua linguagem é mediada pelo texto, suas idéias e seus sentimentos se exprimem (concretizam-se) somente em forma de textos. (PINHEIRO, op. cit., p. 158)

O texto-enunciado assim definido não pode ser dissociado da situação social mais imediata e ampla. O enunciado recobre a dimensão extraverbal como unidade que o integra. Isso quer dizer que o enunciado, considerado como um todo de sentido, não se limita a sua constituição verbal, outros aspectos constitutivos do enunciado que fazem parte da sua dimensão social não devem ser relegados a um segundo plano. Nesse sentido, um texto apenas sobrevive socialmente no contexto em que é concebido e percebido.

No entanto, cabe a ressalva de Rodrigues (2005) de que ainda que a situação social em certo sentido ‘determine’ o enunciado, isso não deve levar a crer que o enunciado e o discurso reflitam passivamente a situação extraverbal. O enunciado ‘conclui’, ‘acaba’, certa situação, criando sempre algo novo e irrepitível. Como ressalta Pires (2003), um enunciado não é um puro reflexo do que existe fora dele: cria, sempre, algo novo que, antes dele, não existia.

O sujeito autor de um enunciado ao construí-lo produz um acontecimento lingüístico, uma vez que, mesmo que o sistema lingüístico possa ser percebido em todo o enunciado responsável por tudo o que é repetitivo e reproduzível, cada enunciado é *sempre único e irreproduzível, sendo que nisso reside o seu sentido.*

3.1. Uma enunciação essencialmente dialógica

Como já dissemos anteriormente (PIRES, 2003), seguindo Bakhtin (1929,1930 e 1979), o fundamento da linguagem é o dialogismo, é a relação com o outro:

Tudo o que me diz respeito vem-me do mundo exterior por meio da palavra do outro. Todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é o discurso, instituem-se sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um *continuum*. O indivíduo não é a origem de seu dizer. (...) O fenômeno social da interação é, portanto, a realidade fundamental da linguagem, realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e através da enunciação (PIRES, 2003, p 39,40).

É nesse sentido que se pode afirmar que não existe qualquer objeto de discurso que não seja de natureza dialógica, afinal, não existe um fala original, sendo que no *dito co-existe o já-dito*.

Dessa forma, é necessário pensar sempre no homem em relação aos (e com) outros homens e afirmar que o indivíduo é social e somente constitui-se verdadeiramente humano na relação viva, ou seja, cotidiana e social, com os outros seres humanos, uma vez que “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro” (Ibid., p. 313).

É importante observar que o termo “dialogismo” distancia-se da compreensão feita pelo senso comum sobre o vocábulo. Não deve ser tomado apenas como comunicação em voz alta entre pessoas colocadas face-a-face, mas deve ser compreendido, num sentido amplo, como “toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 1990, p.123). Para Flores (2005), as relações dialógicas são entendidas, no conjunto da obra de Bakhtin, como espaços de tensão entre vozes sociais.

Essa noção de dialogismo desdobra-se em duas dimensões indissociáveis: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos. A primeira acepção está relacionada à fundação da linguagem: a relação social entre os sujeitos permite a emergência da linguagem. Além disso, é a relação entre locutor e interlocutor que dá sentido ao texto e que constrói os sujeitos produtores de discursos - a intersubjetividade, a relação entre os interlocutores, é anterior a subjetividade.

A segunda dimensão diz respeito ao “permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (BRAIT, 2005, p. 94). O texto, nessa perspectiva do dialogismo, é compreendido como “tecido de muitas vozes” nas palavras de BARROS (2005, p.33), ou seja, de vários textos que se encontram, complementam-se, polemizam-se ou respondem uns aos outros no interior dos discursos.

A partir desses dois desdobramentos do dialogismo, é possível definir o texto como um objeto constitutivamente dialógico, imbricado pelo diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos. Cabe destacar que a relação do texto com o processo enunciativo é estreita e deve ser levada em conta em qualquer modelo de análise de discursos.

Beth Brait (2005), no seu artigo *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*, menciona que o processo de enunciação deixa marcas no produto enunciado. Dessa forma, deve ser considerado na análise de um texto o tempo particular em que foi produzido e o lugar de geração do enunciado, por exemplo.

No entanto, o discurso, o enunciado, não deve ser tomado como um fato individual: “não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um ‘diálogo entre discursos’, ou seja, porque mantém relações com outros discursos” (BARROS, 2005, p.32).

4. Considerações finais

Esta etapa da pesquisa em investigar os pressupostos bakhtinianos é o início de um estudo que analisará os discursos produzidos durante o Círculo Restaurativo, tendo como uma das principais orientações para seus estudos a teoria desse autor. Os enunciados proferidos pelos participantes principais do CR, vítima e ofensor, são obviamente realizados pelos sujeitos, e interessa-nos investigar o uso que eles fazem da linguagem durante a interação verbal entre eles. Os estudos enunciativos da linguagem, que trazem o sujeito para o centro de seus estudos, parecem-nos adequados para analisar as representações desses sujeitos inscritas nos discursos.

A teoria bakhtiniana, como bem observa Pires (2003), foi e continua sendo essencial para os estudos que envolvem a enunciação, “pois expressa de forma clara, engajada e coerente a relação sujeito-linguagem-história-sociedade, vindo na enunciação o verdadeiro fundamento dessa relação” (Ibid., p.47).

Soma-se a isso, o fato de que, para Bakhtin, é importante a investigação do ser humano, enquanto ser social e político, em relação intersubjetiva de alteridade, através do estudo dos seus discursos. Em todas as relações sociais as palavras estão sempre presentes e são tecidas de uma variedade de fios ideológicos e “servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 1990, p.41).

Com os aportes teóricos desse autor, buscar-se-á compreender as relações sociais entre os participantes principais do CR, através de um estudo que submeterá à investigação as palavras.

5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

BARROS, D. L. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

Centro Integrado de Atendimento da Criança e do Adolescente - material didático elaborado pela Assessoria Técnica da Justiça Restaurativa, Poder Judiciário. *Documento interno*. Justiça Para o Século 21- Instituinto Práticas Restaurativas, 2006.

CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

FARACO, C. A. *O estatuto da análise e interpretação no quadro do Círculo de Bakhtin*. 1º Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo. São Paulo, 5 à 9 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/isd/artigos/Conferencia_%20faraco.pdf>. Acesso em: 09 set. 2008.

FLORES, V. do N; TEIXEIRA, M. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

PAVEAU, M. A & SARFATI, G. É. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Claraluz, 2006.

PIRES, V. L . *Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin*. Organon, UFRGS - Porto Alegre, v. 16, n. 32/33, p. 35-48, 2003.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ZEHR, H. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.